

Tempestade

Regina Luna

TEMPESTADE

O céu negro me diverte,
As árvores angustiadas agitam seus mil braços,
Tentam desprender raízes
E fugir correndo da terra condenada
Ao DEPOIS,
Fugir nuas
Pelo meio das ruas
Gritando ARDOR HORROR ASPIRADOR COR
Entre os carros incrédulos,
Deliciados...

O mormaço do dia se refresca na ausência do azul
(resguardado apenas em meus olhos cinzentos)
Mas o muro de chumbo paira
Sobre as pessoas,
Sobre suas cabeças
Sem vontades
Sem loucura
Sem memória da dor
Ou consciência do amor,
Sem a fé explodindo em cada uma das células...

Peço que as vozes em coro se calem

E trovoadas cortam o céu.
Eu contemplo
Com uma gargalhada nos lábios
A chegada do fim do mundo.
E aceito a escuridão.
O céu negro me diverte
- já não disse? –
Porque já morri
E renasci das cinzas...

Porque caminho escuridão adentro
Nos dias de sol insuportável
Enquanto os homens sorriem desavisados
Acreditando no azul.
Eu sei da morte
Dentro de todas as coisas
E sobrevivo só,
Tu insistes em alegar
Que a noite não existe,
Que o raio não caiu...

Tu me acusas
Da ausência de lógica dos corações.
Tu,
Que está morto
E não poderá renascer
Enquanto não aceitar a própria morte.
Eu sorrio da tempestade
Que eu deixei sair de mim
- já não disse? -
E entendo...

Tua razão nunca ascenderá à minha loucura.

Regina Luna.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/tempestade-6>